

Um pequeno progresso: algumas reflexões sobre a situação da trabalhadora americana

EVA PAULINO BUENO*

RESUMO: O texto analisa a situação da trabalhadora americana, com atenção especial à mulher que trabalha no ambiente universitário. Usando resultados estatísticos, se comprova que, embora mais mulheres estejam recebendo o doutorado, e mais mulheres estejam assumindo posições acadêmicas, ainda é difícil para as mulheres chegar às posições mais altas dentro da universidade. Para as poucas que o conseguem, um outro problema se apresenta: a necessidade de assumir demasiados cargos para manter a representatividade da mulher. O texto também reflete sobre as diferenças salariais em outras áreas, e o que isto pode vir a representar para a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Mulheres; direitos; mulher americana; salários; Ph. D.; universidade; gravidez; parto; tarefas ancilárias.



* EVA PAULINO BUENO é Professora de Espanhol e Português, Literaturas Latino Americanas, Brasileira, e Norte Americana na St. Mary's University, San Antonio, Texas.

No mês em que se comemora o *Dia Internacional da Mulher*, nada melhor que dar uma olhada geral sobre a situação em que nos encontramos agora, começo do século XXI. Embora pareça que grande progresso já foi obtido, ainda em muitos cantos da terra as mulheres **são obrigadas** a sair à rua com trapos cobrindo seus rostos, como se fossem leprosas e a mera visão do seu rosto é uma afronta à sociedade. E ainda em outros lugares, meninas pré-púberes são submetidas à extração a sangue frio de seus órgãos genitais externos, como uma maneira de “higienizá-las.” E, ainda, em alguns países que se consideram avançados, as mães sofrem pressão e abortam os fetos femininos, porque são considerados indesejáveis. E, ainda, em países que se consideram civilizados, a mulher é vítima diária de ataques, surras, e morte, por ser mulher, por querer viver, por tentar ser feliz. E, ainda, em outros países, a mulher não tem direito de decidir o que fazer com seu corpo, e no momento em que engravida, o feto é

seu dono, não importando se este feto é o resultado de violação ou incesto. E, ainda, em outros países, as mulheres não podem ocupar posições de destaque na sua profissão, porque são consideradas inferiores, enquanto que muitas ainda não têm direito ao voto, e outras nem sequer podem dirigir carros ou sair à rua desacompanhadas.

Mas felizmente na maioria dos países já as mulheres têm direito ao voto, podem transitar livremente, e fazem parte da força de trabalho. O problema é que, até hoje, mesmo num país que há muitos anos considera que as mulheres estão obtendo grandes vantagens — os Estados Unidos — ainda há grandes discrepâncias. É salutar lembrarmos do progresso e ao mesmo tempo mantendo o olhar sobre o que ainda resta a ser feito. No site de [WIA Report – Women in Academia](#) (Mulheres na Universidade) — há várias estatísticas que nos ajudam a ver a situação de maneira mais clara e concisa. Um dos primeiros gráficos de estatística que chama a atenção é este:



Estatística da Semana

2,4% - Aumento médio anual de 2000 a 2010 no número de homens recebendo o grau de doutor (Ph.D.) nas universidades americanas.

6,4% --aumento médio anual de 2000 a 2010 no número de mulheres recebendo o grau de doutor nas universidades americanas.

Se estes números se mantiverem constantes, isto poderia significar que dentro de algumas décadas haverá mais mulheres doutoras que homens doutores.

A maior presença de mulheres tituladas na universidade resultaria em mais mulheres seguindo a carreira acadêmica e tornando-se modelos para outras mulheres jovens seguirem seus passos.

Informação publicada em 11 de outubro de 2011

Outra estatística, publicada em 6 de agosto de 2011, confirma esta tendência:



Estatística da Semana

104,000 --Número de mulheres professoras em instituições que dão diplomas (faculdades e universidades) em 1970.

627,578 –Número de mulheres professoras em instituições que dão diplomas em 2008.

Em trinta e oito anos, aumentou o número de professoras e hoje elas se encontram em grande número à frente da sala de aula, ou trabalhando nos laboratórios, fazendo pesquisa, escrevendo livros, em todas as instituições de ensino superior.

Entretanto, isto não significa que as mulheres realmente recebem o tratamento — e o salário — compatível com seus títulos. Em 12 de julho de 2011, [WIA Report](#) publicou a estatística seguinte, que nos revela que muitas mulheres vão trabalhar na universidade, mas nem todas chegam ao ponto máximo da carreira:



Estatística da Semana

127.931 – número de homens em 2009 na posição de professor catedrático nos Estados Unidos.

49.650 – Número de mulheres em 2009 na posição de professora catedrática nos Estados Unidos.

Esta informação demonstra claramente que, embora ultimamente as mulheres estejam conseguindo o doutorado em maior número que os homens, e entrando em carreiras acadêmicas em maior número que os homens, os níveis de promoções ainda não são os mesmos para ambos os gêneros. Há vários estudos tentando explicar esta defasagem, e um deles argumenta que muitas mulheres decidem parar no segundo nível (associate professor), porque não tem tempo para fazer pesquisas, um quesito em geral necessário para quem quer ascender a “full professor” (professor catedrático). E por que as mulheres em geral não fazem pesquisa?

Na [Revista Academe Online](#), encontra-se um artigo intitulado [“The Ivory Ceiling of Service work”](#) — “O teto de marfim do trabalho” — em que as autoras, Joya Misra, Jennifer Hickey Lundquist, Elissa Holmes, and Stephanie Agiomavritis, argumentam que a primeira explicação para esta diferença se baseia no fato dos critérios para promoção para “full professor” serem vagos, e acabarem beneficiando os homens. Elas continuam,

A related explanation may be found in the way men and women professors divide their time at work — and how colleagues value the division of labor. A variety of studies show that men focus more on research than do women. While men are not necessarily more productive than women, they are more protective of their research time. Tenured women, on the other hand, devote more time to teaching, mentoring, and service, and particularly to activities that may be seen as building bridges around the university. Yet, these pursuits hold less value in promotion cases in many institutions, especially at research-intensive universities.

Uma explicação relacionada a esta pode ser encontrada na maneira em que os professores e as professoras organizam seu tempo no trabalho, e como seus colegas valorizam de maneiras diferentes esta divisão de trabalho. Uma variedade de estudos mostra que os homens se concentram mais em pesquisa do que as mulheres. Embora os homens não sejam necessariamente mais produtivos que as mulheres, eles são mais zelosos de seu tempo de pesquisa. As mulheres que já atingiram a estabilidade, por sua vez, devotam mais tempo a lecionar, a servir de mentoras, ao trabalho de comitês, e particularmente a atividades que podem ser vistas como construtoras de pontes entre as várias partes da universidade. E, apesar disso, estas atividades em geral têm menos valor para a promoção em muitas instituições, especialmente em universidades mais orientadas à pesquisa.¹

Mas digamos que todos os obstáculos são resolvidos e a mulher chega a este pináculo da carreira. Ela vai ver que obter a posição de “full professor” não resolve todos os problemas, como se pode ver numa discussão publicada na revista [Chronicle of higher Education](#) de 24 de dezembro de 2011, onde se encontra o seguinte testemunho de uma professora:

My whole institution is deeply hierarchical, and so there are many administrative tasks that can only, as a matter of university policy, be undertaken by full professors [...] So while one can say no, the pressure to say yes is pretty relentless. I have a particular problem because, as a female full

¹ Ver esta excelente discussão em <http://www.aaup.org/AAUP/pubsres/academe/2011/JF/feat/misr.htm> (consultada em 12 de fevereiro de 2012).

professor, I'm a member of a very rare demographic. Only about 25% of the full professors at my university are women. The university is very sensitive on the subject of gender equity. The practical result of that sensitivity is to make the lives of female full

professors particularly miserable by answering every self-protective "no" with "But we really need to have more women on this committee." In principle, I understand the request. In practice, I'm just getting really tired of it.

A minha instituição é profundamente hierárquica, e então há muitas tarefas administrativas que só podem — de acordo com as regras da universidade — ser feitas por “full professors.” [...] Então, embora teoricamente a gente possa dizer não (a estas posições administrativas) a pressão para que digamos sim é muito intensa. Eu tenho problema com isto porque, como uma mulher professora, eu sou membro de um grupo muito raro. Somente 25% dos “full professors” da minha universidade são mulheres. Minha universidade é muito sensível à questão da presença dos dois gêneros. O resultado prático desta sensibilidade é tornar a vida das professoras particularmente miserável porque [a universidade] responde às suas negativas auto-protetoras com “Mas nós precisamos ter mais mulheres neste comitê.” Em princípio, eu entendo o pedido, Na prática, eu estou ficando realmente cansada destes pedidos.²

Isto quer dizer que, por serem mulheres, acabam tendo que assumir compromissos que nem sempre lhes interessam, somente para manter a representatividade de mulheres no quadro administrativo da universidade. E quando olhamos a questão dos salários dos homens e os das mulheres em geral, também vemos que há problemas. Outra vez, uma estatística da [WIA Report](#) de 16 de agosto de 2011, sobre os ganhos dos homens e os das mulheres:



Estatística da Semana

\$47.715 dólares-- a média de salário anual de um homem que trabalhou em tempo integral no ano de 2010.

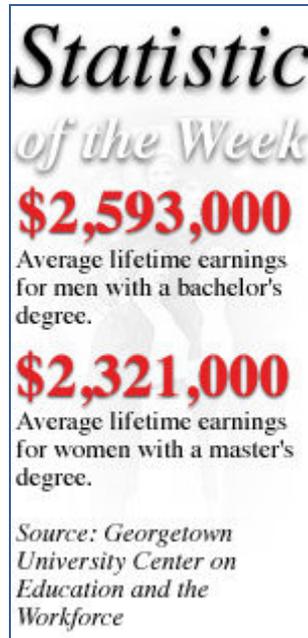
\$36.931 dólares –a média de salário anual de uma mulher que trabalhou em tempo integral no ano

Esta estatística mostra que, em comparação com o trabalhador nas mesmas circunstâncias, a trabalhadora em tempo integral nos Estados Unidos perde em média mais de onze mil dólares por ano, embora trabalhe o mesmo número de horas.

² <http://chronicle.com/forums/index.php?topic=84760.30>

Quando vemos os ganhos durante a vida, esta defasagem anual resulta no

que nos mostra a seguinte estatística, publicada em 23 de agosto de 2011:



Estatística da semana:

\$2.593.000 dólares: a média de ganhos durante a vida para um homem que tem faculdade.

\$2.321.000 dólares: a média de ganhos durante a vida para uma mulher com um grau de mestre.

Fonte: Georgetown University Center on Education and the Workforce.

Então, a mulher que seguiu adiante em seus estudos, e que muitas vezes é o ganha-pão de sua família, ainda tende a ganhar menos que um homem que tem menos títulos.

Uma das “desculpas” que às vezes se ouve para a disparidade é que a mulher não se dedica à sua profissão do mesmo jeito que o homem, porque tem licença maternidade, e não encara a profissão com a mesma prioridade. Isto significa que a mulher, que além do seu trabalho profissional alia o de mãe (com todas as outras atividades ancilárias de enfermeira, motorista, professora do prezinho ao vestibular para seus filhos, cozinheira, lavadeira, fazedora de compras, faxineira, etc) acaba sendo penalizada por este trabalho sem o qual, diga-se de passagem, a sociedade não subsistiria.

Não se trata aqui, obviamente, de dizer que, porque a mulher ultimamente está se tornando uma presença mais forte nas

universidades, e que está cada dia mais assumindo posições nas mais diferentes carreiras, que a mulher é mais inteligente nem mais esforçada que o homem. Não existe nenhuma prova científica de tal coisa, e muito menos prova na vida cultural. Mas o contrário também é verdadeiro: os homens também não são mais inteligentes, nem mais esforçados que as mulheres.

Homens e mulheres contribuem às suas carreiras, às suas famílias, às suas sociedades, mas de maneiras diferentes, e em diferentes tempos. Para tomarmos somente a questão da gravidez por um momento, temos que recordar o óbvio: alguém tem que carregar o bebê por nove meses, dar à luz (com todos os custos físicos reais), e amamentar este bebê. A natureza proveu a mulher desta tarefa, e esta tarefa é uma doce honra. Mas esta não é a única que tem, e não é só ela que pode e quer cuidar da criança, acompanhar o desenvolvimento (há muitos homens que fazem este

trabalho de forma excelente!), levar à escola, ajudar nas tarefas. O pai e a mãe, juntos, devem se fazer responsáveis por esta responsabilidade, a mais importante da sua vida.

O problema com as maneiras inadequadas de remuneração dos dois gêneros no trabalho é que a sociedade toda acaba sofrendo com isto. O tratamento justo das mulheres não beneficia só a elas, mas a toda a sociedade. A mãe que trabalha as mesmas 8 horas que o pai, em um trabalho semelhante, merece o mesmo salário, as mesmas promoções.

Mas há progresso. É importante lembrar que há progresso. Da mesma forma, é importante refletir no que este progresso nos traz em termos de oportunidades e também de responsabilidades. Se é realmente o caso que as mulheres cada vez mais passarão a viver mais tempo que os homens (ver semana de 16 de dezembro de 2011 em [WIA Reports](#)), as mulheres precisam ter tanto dinheiro como os homens para conseguir levar sua vida de maneira digna, sem se transformarem em peso para sua família ou para a sociedade em geral.